

Mário Nunes Coelho Mendonça

Tema:

Tabanca de Achada Grande

(Análise histórica e etnográfica)

Trabalho científico apresentado no ISE para obtenção do de Licenciatura em Historia, sob orientação do *Doutor João Lopes Filho* e com a co-orientação do *Mestre Lourenço Gomes*

ISE, 2006

A Identidade cultural do povo cabo-verdiano advém, principalmente, da formação de uma sociedade caldeada em séculos de vivência, cimentada num forte relacionamento que foi, contudo abalado por alguns eventos e revoltas populares dos séculos XIX e XX (nomeadamente a de 1822 nos engenhos, de 1836 na praia, de 1847 no sal, de 1886 em Santo Antão, de 1910 em Ribeirão Manuel, a do Capitão Ambrósio em São Vicente, entre outras), e num sentimento de Nacionalismo que se manteve firme, mesmo entre elementos espalhados pelas sete Partilhas do mundo.

João Lopes Filho

Mário Nunes Coelho Mendonça

Trabalho científico apresentado ao Instituto Superior de Educação, aprovado pelos membros do júri e homologado pelo Conselho Científico, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Ensino de História

O júri;

Praia, aos _____ de _____ de 2006

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5
1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO.	8
1.1. Evolução Semântica.....	8
1.2. Resenha Histórica	9
1.3. Relação com a Sociedade	13
2. TABANCA DE ACHADA GRANDE.....	18
2.1. A Sede da Tabanca.....	18
2.2. Alguns Elementos que Fazem Parte da Tabanca.....	19
2.2.1. Os Preparativos da Festa.....	20
2.2.2. O Pilão.....	21
2.2.3. O Batuque.....	22
2.3. A Missa.....	24
2.3.1. O Roubo do Santo.....	25
2.3.2. A Salva.....	26
2.3.3. O Desfile.....	27
2.3.4. A Abstinência Sexual.....	30
3. A MORTE DE UM SÓCIO.....	31
4. ALGUNS CONSTRANGIMENTO QUE A TABANCA ENFRENTA.....	33
5. PROPOSTAS DE SOLUÇÃO.....	35
CONCLUSÃO.....	37
BIBLIOGRAFIA.....	39
ANEXOS.....	40

INTRODUÇÃO

A independência de Cabo Verde a 05 de Julho de 1975, veio criar condições favoráveis para o ressurgimento e rejuvenescimento das diversas manifestações da cultura tradicional popular que estavam adormecidas à sombra do regime Colonial Português. É assim que por exemplo, a Tabanca que foi proibida várias vezes por ser considerada uma manifestação grosseira e ofensiva à moral pública, voltou ao convívio do Povo das Ilhas e mais concretamente ao Público Santiaguense.

Foram também reprimidas a língua Crioula, o Batuque e o Funaná, não só pelos motivos acima referidos mas porque também os colonizadores queriam impor uma cultura que melhor servia os seus interesses. Após a independência surgiram vários movimentos associativos, recreativos, artísticos e culturais que dinamizaram a população em geral para mostrar livremente a sua Caboverdeanidade, através da sua tradição (histórias, danças, musica, teatro, pintura, escultura, etc.). É assim que se revitalizou vários movimentos culturais, entre os quais, a Tabanca, com a particularidade de ser uma associação laico de socorros mútuos com actividades culturais ao longo do ano, sobretudo nos períodos compreendido entre Maio a Julho.

Em 1993, tinha iniciado um trabalho com o mesmo tema, isto é, Tabanca de Achada Grande. Transcorridos 12 (doze) anos sobre a data, urge retomá-lo, de forma a proporcionar uma análise mais aprofundada, numa lógica de abordagem consentânea com a nova dinâmica social imposta pela globalização, com as suas vantagens e desvantagens. E nessa base, tirar as devidas elações para uma nova proposta de soluções que possa viabilizar o seu rejuvenescimento, maior divulgação e preservação como património Nacional.

Com isso, pretendemos fazer uma simples abordagem de um tema do viver quotidiano das Ilhas, sobretudo do homem de Santiago – a Tabanca, por ser uma das manifestações populares mais importante dessa Ilha. Incidiremos numa forma particular sobre a Tabanca da Achada Grande, um dos bairros periféricos da Capital do País.

Residimos no Bairro supracitado (Achada Grande) e assistimos desde há algum tempo para cá ao desfile dos festeiros, com muito interesse, mas também com alguma inquietude, devido às dificuldades por que passa essa prática artística e cultural;

É um tema que merece um tratamento especial no novo contexto socio-económico, político e cultural, pois a Tabanca tende a extinguir-se, se algo não for feito.

Considerando que hoje, a cultura é também vista como factor de desenvolvimento, e, nesse particular, achamos ser digno e justo trazer à lume alguns dos problemas que afectam os Tabanqueiros e fazer propostas de solução que viabilizem o seu incremento e continuidade.

Com a elaboração deste trabalho pretende-se por um lado, cumprir uma norma do Instituto Superior da Educação (ISE), para atribuição do grau académico de Licenciatura em ensino de História, e por outro, contribuir sobremaneira para melhoria de nível intelectual, social e cultural dos leitores;

Pretende-se ainda, resgatar um conjunto de elementos associados da Comunidade de Achada Grande (A Tabanca) que se sentem ameaçados, por forma a enriquece-los e divulga-los, tendo em conta ser uma investigação do tipo descritivo, desenvolvida na área das Ciências Sociais e Humanas, cuja tarefa é o registo objectivo e análise comparativa de factos humanos, dando um enfoque nos mais variados aspectos da vida local (sociais, económicos, políticos e culturais).

Apesar das necessidades sociais do povo se modificarem com o passar dos anos, não se pode ignorar ou pôr de lado o valor que a herança cultural representa para a sociedade.

Para a elaboração deste trabalho de investigação científica, apoiamo-nos nas mais diversas fontes: oral, escrita e até testemunhal.

No campo da pesquisa documental fez-se um levantamento de documentos Históricos e Etnográficos com vista à sua respectiva leitura, análise e apropriação dos conteúdos pertinentes, sob forma de ficheiros, a partir de livros, revistas, e outros documentos fornecidos pelas Instituições especializadas, nomeadamente Arquivo Histórico, Biblioteca Nacional, Centros Culturais, etc.

No trabalho de campo para recolha de imagens, assistimos pessoalmente a todas as actividades da Tabanca, nomeadamente, Batuque, Salva, Roubo de Santo, Missa, Desfile para

recuperar o Santo, etc. Entrevistamos um universo de pessoas (Governador, rei da corte, rei de campo, rainha da corte, rainha de agasalho, jovens associados e investigadores).

Por último fizemos um cruzamento dos dados para a elaboração de uma síntese a ser integrada no corpo de trabalho.

1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DA TABANCA

1.1. Evolução Semântica

Tabanca designa aglomerados populacionais em algumas regiões Africanas, isto é, povoação. Mas devido a vários factores como sejam a própria dinâmica social (necessidade de comunhão) ou imperativos de indivíduos com os mesmos usos e costumes, as mesmas línguas separadas pelas contingências do regime escravocrático, o termo sofreu mudanças. A palavra Tabanca passou a significar clã ou grupo social e mais tarde um conjunto de festejos característicos da População primitiva, isto é, uma tentativa de reconstituição de toda a estrutura organizativa, político-administrativa e social daquela comunidade primeira.

As autoridades coloniais viram a Tabanca como uma grosseira associação de socorros mútuos com festejos ofensivos da moral pública¹. Presentemente pode-se defini-la como uma associação laica de socorros mútuos com actividades culturais em determinados períodos do ano.

Na verdade, os membros das actuais s se definiram como “uma associação laica de mutuo socorro” com características de ajuda recíproca, no tempo passado em toda as circunstâncias dos momentos cerimoniais (baptismo, casamento, festividade enterro, etc.), mas que no tempo actual só se cingem a enterros, actividades de reza e organização das festividades do Santo padroeiro.

Também a Tabanca pode ter nascido com o estatuto de confraria católica em tempos mais recentes, numa sociedade mestiçada², para resolverem os problemas dos seus associados, devido a falta de vontade e/ou incapacidade demonstrada pelas autoridades coloniais face às dificuldades das populações.

¹ In revista Claridade nº 06 (Junho de 1948 pag. 14 a 18)

² SEMEDO, José Maria e TURANO, M. R. in Cabo Verde, O Ciclo Ritual das Festividades da Tabanca, pag. 99

1.2. Resenha Histórica

É justo dizer-se que o conteúdo da cultura Cabo-verdiana decorre da influência exercida pelos diferentes concorrentes que contribuíram para a formação do seu povo. Tem-se apontado fidalgos Portugueses (nobres apoiados por moços de câmara), criados e outros servidores, artífices, trabalhadores braçais anónimos, vindos sobretudo do Alentejo e Algarve; alguns Genoveses e Espanhóis ou seus descendentes, e até Flamengos para ali mandados pelo Rei príncipe; e escravos negros trazidos da costa e rios da Guiné³.

Quanto aos negros Africanos, Padre Brásio, com base no recenseamento de escravos de 1856, declara que a proveniência maciça do elemento Africano são da Guiné, como os seus Mandingos, Balantas, Bijagós, Felupes, Biáfadas Papeis, Quisis, Banhuns, Futas, Jalofof, Bambarãs, Bololas e Manjacos, sendo, Cacheu, Gebas e Bissau, comunidades que nos forneceram o maior contingente humano. Contudo, António Carreira diz que P. Brásio registou apenas 13 grupos étnicos, mas que ele, Carreira verificou 27 grupos étnicos e alguns subgrupos⁴. Acrescenta ainda que o povoamento de Santiago e Fogo, não se fez unicamente com escravos, mas também com Africanos livres chegados às Ilhas espontaneamente em companhia de negociantes missionários, e capitães de navios como sendo Banhuns, Cassangas e Buramas.

Na verdade, não é nossa intenção ir às profundezas das civilizações Portuguesas, Espanholas, Italianas ou da Costa Ocidental Africana. Tão-somente queremos deixar claro que os elementos culturais dos povoadores estiveram na origem da cultura Cabo-verdiana. E como se pode notar, ainda hoje, estão evidentes em todas as manifestações de cariz artísticas e culturais do país.

Com efeito, apesar da absorção que se vem processando lenta e gradualmente das religiões Afro-negras sobreviventes em Cabo Verde, em sincretismo com a Religião Católica, é ainda possível, através dessas sobrevivências, tirar algumas conclusões respeitantes á origem da Tabanca.

³ CARREIRA, António, Cabo Verde, in Formação e Extinção de Sociedade Escravocrática (1460- 1878), pag. 319 a 321

⁴ Idem

Augusto M. Lima não é de acordo que a Tabanca seja a manifestação cultural mais Africana em Cabo Verde, como defendem algumas pessoas, pelas seguintes razões: apenas nalguns rituais, como por exemplo, nos tambores, (não na forma do instrumento que é reinol), na música, nas lenga-lengas e nas danças (esta sim de origem nitidamente Africanas, pois que o seu significado profundo anda à volta de paradigmas e padrões portugueses das festas populares de S. João, S. Pedro, Santo António, e Santa Cruz, correntes em Portugal, nas Ilhas atlânticas e noutras partes do mundo em que os portugueses foram-se afixando ao longo dos tempos⁵.

Dos Africanos recebemos, entretanto, a base étnica, isto é, a constituição antropométrica da população como igualmente a influência no processo transculturativo do escravo negro, visto que muito da sua cultura específica está hoje fixada no quotidiano Cabo-verdiano.

Orlanda ribeiro, em 1951, no seu estudo sobre a ilha do Fogo: “a influência negra revela-se em muitas coisas: uso do pilão e do mó de reboio; alimentação baseado em grãos em que não entra o pão; o costume de carregar à cabeça; a maneira de colocar as crianças às costas; o lenço amarrado à cabeça das mulheres; o banco de ouril; o batuque; o ritmo das festas dos Santos, etc. Feliz ou infelizmente, todas essas maneiras de estar do Cabo-verdiano a trás apontada, tendem a desaparecer, paulatinamente.

Um outro investigador, Roger Bastide, que estudou muito dos sincretismos do Brasil, palco e cena de contactos específicos de culturas entre Africanos, Europeus e Americanos, deu a sua valiosa contribuição sobre a origem da Tabanca. Acha que nessa manifestação “verificam-se fenómenos, ritos e práticas similares, mas não há dúvida que em Cabo Verde, em função dos contextos sócio-culturais e geográficos, mas também devido a insularidade, o fenómeno e a sua pratica talvez tenha tido menos influência da cultura Africana e mais da cultura Europeia, com as necessárias adaptações e acomodações⁶.

Conclui-se portanto que existe possivelmente um peso excessivo de traços de origem Portuguesa/Europeia embora não adaptados ou acomodados ao contexto em que surgiram,

⁵ LIMA, Augusto Mesquitela, in (Prefacio) SEMEDO, José Maria e TURANO, M.R. Cabo Verde, O Ciclo Ritual das Festividades da Tabanca, pag.13

⁶ BASTIDE, R., Estudos Afro-Brasileiros, São Paulo, 1993 in SEMEDO, José Maria e TURANO, M.R. Cabo Verde, O Ciclo Ritual das Festividades da Tabanca, pag.95 e 96

aliados a vários grupos étnicos em presença de diversas regiões e localidades do continente Africano, na composição dessa manifestação cultural.

Ademais, a própria condição de escravo não permitiu que o mesmo transmitisse a sua cultura inteiramente pura, mas sim desvirtuada pela escravidão. Enquanto que, o negro tinha que adaptar-se a uma sociedade bem diferente da sua, imposta pelo branco, e é a sua civilização que ele deverá sacrificar, adaptando-a, a fim de incorpora-la numa outra estrutura social; as modificações que sofrerá o branco, bem como a organização e sua civilização, serão sobretudo de ordem ecológica⁷.

O encontro/choque entre os dois povos, o Português-colonizador e o Africano-escravo, deu lugar a uma sociedade mestiça de cariz escravocrática, fruto do cruzamento entre o homem branco e a mulher negra. E nesse particular a estrutura organizativa da Tabanca transparece uma sociedade escravocrática com os seus oficiais, escravos e forros. Acreditamos que a Tabanca, como existe, foi uma criação Cabo-verdiana. Efectivamente reflecte a mestiçagem no sentido de que tirou elementos de uma cultura (Portuguesa/Europeia) e de outras, (Africana), dando origem a uma outra expressão cultural única.

A combinação do religioso e do profano era conhecido nas romarias portuguesas e nos festejos dos Santos, mesmo alguns tabus, como por exemplo – “quebra bilha” de Santo Antão pode ser associado a “quebra bandeja” da, isto é, certos desvios de comportamentos considerados anormais às regras ou praticas correntes. Contem um ritual e uma festa em que o sincretismo religioso e lúdico de carris Afro-Portugues se combina. As entreajudas, principalmente nos momentos difíceis em que as famílias sentem-se impotentes em fazer face às despesas do funeral são semelhantes às existentes também nas romarias Portuguesas).

Daniel António Pereira afirmou no seu trabalho intitulado “uso e costumes na ilha de Santiago (1762-1772)” «que o antecedente directo da Tabanca seria, provavelmente, o “Reinado”, uma instituição identificada em Santiago desde pelo menos os meados do séc. XVII e que inexplicavelmente desapareceu, que realizava festas por ocasião de São João, ou durante o período que abarca o ciclo das festas joaninas (Santo António, São João e São Pedro). Como a,

⁷ FILHO, João Lopes, in Cabo verde, Subsídios para um Levantamento Cultural, pag. 43

era associação de socorros mútuos que dava apoios aos seus sócios, ajudando no enterro dos seus mortos e a seus filhos, coroando os seus reis e rainhas e tendo os seus Santos padroeiros».

Não obstante ser um tema hoje muito aproveitado pelos artistas (cantores, escritores, dramaturgos, etc., na verdade, só a partir do sec.XIX, os escritores começaram a deixar algum registo relacionado com a Tabanca, facto que tem dificultado a sua investigação. Desconhece-se as razões dessa falta de registo escrito, contudo, pode-se pensar no facto dessa manifestação ser vista com um certo desprezo na sociedade de então.

Segundo Gabriel Mariano, “ A capacidade de assimilação do exótico e de recriação de formas novas de cultura e se apontam como faceta dominante da experiência Africana e do Português parece ter-se transferido, em Cabo Verde, para o mulato, para o mestiço. Teria sido este quem se encarregou de receber e recriar elementos da civilização europeia. E teria sido o fundo, e não o sobrado, o laboratório exacto onde se processou a síntese das culturas e apropriação pelo negro e pelo mulato de elementos e expressões civilizacionais Portuguesas⁸”.

A Tabanca parece participar do acima enunciado: baseada numa estrutura (irmandade) de modelo Católico-Portugues, apresenta no interior infiltrações negro-Africanas desembocastes numa elaboração cultural sincrética. Isto é, há uma confraria com a sua estrutura e suas actividades cerimoniais de matriz Católico: no interior desta estrutura existem as mudanças.

Ainda hoje podemos reparar as infiltrações de formas Africanas como a reza da salva, as batucadas de tambor, ou o ritmo musical do cortejo, ou uma certa maneira de dançar. “ Esses reis negros, apesar de se vestirem à maneira dos brancos, dançam suas danças próprias, cantam suas canções de mistura com as letras da oração, está fora de dúvida que tivessem mantido vários costumes de origem, uma vez que não puderam estabelecer e conservar seus próprios cultos e foram obrigados a integrar agrupamentos católicos⁹”.

Com efeito, certos hábitos e costumes originais dos negros desapareceram com o tempo, mas muito permaneceram ainda.

⁸ MARIANO, G., Cultura Cabo-verdiana, ensaios, Lisboa, 1991

⁹ SCARANO, J.M. “Devoção e Escravidão”, Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, pag.26

1.3. Relação Com a Sociedade

Normalmente os grandes proprietários deixavam livres os seus escravos no dia de Santa Cruz. Este hábito pode ser explicado, em parte, pelo fervor religioso (católico) uma vez que a Cruz de Cristo simboliza o homem. A devoção à Santa Cruz, segundo parece, foi instituída pela mãe do Imperador Constantino na sequência de compra de relíquias que na altura se supunha tratar-se de verdadeira Cruz de Cristo¹⁰.

O início das festas da Tabanca pode ser também uma herança portuguesa, visto que as festas de romaria começavam nessa altura do ano, isto é, o início da estação seca no clima mediterrâneo.

As festas tradicionais que marcam as actividades da Tabanca decorrem de Maio a Junho: Santa Cruz (3 de Maio); Santo António (13 de Junho); São João Baptista (24 de Junho); São Pedro (29 de Junho)

No primeiro dia da festa, 3 de Maio, é hasteada a bandeira da Tabanca, cujo desenho varia de grupo para grupo. Por exemplo, o distintivo do da Achada Grande é uma bandeira branca com a imagem de São João Baptista, padroeiro do grupo.

Os músicos anunciam com os tambores, maquetas, búzios, o começo das festas e as mulheres cantam e dançam com grande alegria, marchando em fila indiana, atrás ou à volta dos músicos. As “filhas de Santo” desfilam em atitudes provocantes, arremessando as pernas, nervosamente ao compasso da música.

No dia de Santo padroeiro assiste-se à missa na Igreja matriz, Capela ou em “casa da oração”, encomendada pelos irmãos da Tabanca, seguindo-se ladainhas com a presença em destaque do rei e da rainha, rodeados das “filhas de Santo” todas vestidas de branco.

¹⁰ In Revista Palaver Lecce, nº2

A festa atinge então o seu auge no dia de Santo padroeiro e do resgate da bandeira roubada – o Santo. Nos intervalos, algumas actividades serão levadas a cabo como por exemplo: rezas, sessões de Batuque, etc.

Segundo António Carreira, a miscigenação chegou a preocupar os poderes públicos, a ponto do rei, em carta de 20 de Outubro de 1620 determinar que «para cabo verde se degredassem as mulheres (brancas), que se costumava degredar para o Brasil a fim de que se extinga, quanto possível a raça de mulatos.

Aqui, nota-se a preocupação das autoridades coloniais perante o avanço da “criolidade”, pretendendo-se impedir ou inibi-la a todo custo, mas, o processo era irreversível.

A peculiaridade da cultura Cabo-verdiana, justificada pelo abandono a que Cabo Verde foi votado durante o período colonial, contribuindo de certa maneira para a formação de uma sociedade “suí generis” e com uma Identidade própria. Os elementos que lhe deram origem, depois de adaptados às necessidades do quotidiano local, formaram, um conjunto de valores específicos e característicos de uma cultura coerente e integrada em contornos bem demarcados¹¹.

Não se sabe ao certo devido a ausência de fontes precisos desde quando se começou a “brincar” a Tabanca tal como existe hoje. Os documentos mais antigos e credíveis a que tivemos acesso deixam transparecer que a primeira limitação da Tabanca consta da carta régia 15 de Outubro de 1723, onde se recomendava a proibição, nas festas de Santiago e de São João o desfile de exércitos de pretos, forros e escravos.

Cristiano de Senna Barcelos comenta este facto da seguinte forma:

«... Sabemos porém, que nas ilhas festejam-se muito o dia 3 de Maio, da Santa Cruz, e na de São Thiago ainda estavam quase que em vigor aquela provisão. A ordem régia mandado proibir tal exército de negros, só foi comprida em 1895 pelo Governador Serpa Pinto, que, embora não tivesse d’ela conhecimento, entendia como D. João V, que semelhantes festejos não deviam ser

¹¹ FILHO, João Lopes, in Cabo verde, Subsídios para um Levantamento Cultural, pag. 37

tolerados. Tal costume era reunirem-se os pretos, e entre eles havia Governadores, juízes e outras autoridades representadas por certos figurões passeando pelos povoados próximos, uns a cavalo e outros a pé, mascarados, e falando o dialecto crioulo dos negros da Guine, ou empregando phrases soltas, para não poderem ser compreendidos. Devastavam hortas e pomares tendo-se consentido tantos abusos até 1895, em que um enérgico Governador lhes veio pôr cobro».

O extracto que acabamos de citar deixa bem patente a leitura que as autoridades faziam no concernente a Tabanca, bem como as posições tomadas – às vezes de tolerância com limitações, ou de proibição total de parte dos rituais ou de toda a manifestação.

Para além da Tabanca outras manifestações consideradas contrárias à civilização, eram também muitas vezes proibidas conforme consta o boletim oficial de 28 de Abril de 1917 que passamos a citar: «Na área desta cidade, são expressamente proibidos, como manifestações contrárias à civilização, os batuques, sejam ou não acompanhados da música e de cânticos.

O facto de na carta régia se fala de exército de negros, forros e escravos, leva-nos a fazer alguns comentários em torno do papel político e não só da Tabanca. Como se sabe, desde sempre as pessoas manifestavam as suas insatisfações, os seus descontentamentos através da musica, da dança, do teatro, etc. Na verdade tais manifestações de exércitos de negros colidiam com os ideais interesses políticos das autoridades coloniais que sempre quiseram impor um modelo civilizacional em beneficio da subjugação. Por isso foram proibidas tais manifestações.

Permitam-nos afirmar que mais ou menos até o primeiro quartel da segunda metade do Século XX, a atitude das autoridades perante a tradição popular Cabo-Verdiana, e particularmente a Tabanca, não mudou.

A Portaria Nº 439 de 17 de Julho de 1920 reza o seguinte: «Atendendo ao que me requereram vários indivíduos desta ilha, pedimos a licença para efectuar festejos tradicionais a que denominavam Tabancas e são constituídas por danças, cantos e outras demonstrações de regozijo (...)»

Considerando que nas chamadas Tabanca que existe, embora rudimentar o principio de socorros mútuos.

Considerando que dos referidos festejos não advém prejuízos desde que seja feito o necessário politicamente e que os indivíduos que constituem as s restrinjam o exagero de costures carnavalesco que exibem;

Hei por conveniente, ouvido o Concelho do Governo autorizar as autoridades administrativas a conceder licenças para os referidos festejos mediante as seguintes condições:

- Os Festejos podem ser permitidos mediante a licença da Autoridade administrativa e seus delegados;
- Cada Tabanca paga a taxa de 10 escudos por cada festa a realizar-se, o que constituirá receita para o albergue de inválidos da Cidade da Praia;
- Sujeitarem-se os promotores dos festejos as condições em que devem ser feitos e forem impostas pela autoridade administrativa (...).

Assiste-se portanto a oficialização da Tabanca.

Dissemos anteriormente que a posição das autoridades administrativas, às vezes foi de tolerância parcial: uma oficialização, mediante a autorização pela entidades competentes, obedecendo certos requisitos.

Em 1923, por portaria Nº 25 de 26 de Abril, vem-se novamente proibir as festas populares das chamadas s, com as suas costumadas manifestações gentílicas, salvo, porém, o poderem constituir-se em associações de socorros mútuos ou beneficência mediante as formalidades legais. Fazem ainda uma alerta às autoridades administrativas e policiais, os professores e em geral todas as entidades oficiais que possam exercer influência sobre o espírito do povo e empregarem os seus esforços para que este se abstenha de manifestações colectivas de feito desarmónico com preceitos da civilização.

Algumas causam que nortearam essa proibição:

- As autoridades consideraram que as s eram manifestações de feitio inteiramente gentílico e que não harmonizam com o estado e civilização do Arquipélago em geral;
- Que eram motivos de frequentes e por vezes graves desordens e bem assim motivo para que o povo se mantenha afastado do trabalho durante algum período;
- Inaceitável o fundamento apresentado para a existência de tais festejos – espírito associativo de socorro mutuo.

Em 1927, segundo a portaria Nº 78 de 25 de Julho, o Governador António Alves Guedes Vaz, nomeou João de Deus Tavares para o cargo de vice – Presidente da Câmara Municipal da Praia; O capitão António Manuel da Fonseca para o cargo de administrador do Conselho da Praia e o tenente de cavalaria Américo Júlio Roboredo Sampaio e Melo, seu ajudante de Campo, para procederem desde já a elaboração de um regulamento para as exibições das s com os seguintes fundamentos.

«...Fazer rever estas festas, pelo que se prova não ser coisa fácil extinguir tão radicalmente tradições populares (...) a existência embora rudimentar do principio de socorros mútuos, além de alegres manifestações de carácter artístico (...) para que não percam totalmente as tradições populares características do povo Cabo-verdiano, inibindo tão somente o que nelas houver de “cafreal” e contrário aos bons costumes, procurando-se tornar mais estéticas e consentâneos com a actual civilização da colónia. Sendo obvio que limitando-se a duração destas festas a determinados dias e a determinadas horas, de forma a não houver prejuízo para o trabalho, policiamento conveniente os locais de exibição. Finalmente regulamentar as s de forma racional, aproveitando da tradição o que é possível e proibir o que ofende o sentido estético e os bons costumes dos povos civilizados ...»

Com efeito, apesar das sucessivas proibições, quase nunca os grupos as obedeciam, demonstrando uma resistência sistemática, forçando o Governador central a providenciar a normalização da situação.

A atitude eurocêntrica quase sempre impôs um julgamento negativo em relação à Tabanca que, em regra, era tido como manifestação de gente inculta. Pois o colonizado é sempre considerado incivilizado e com maus costumes e que por isso, necessário se torna peneirar ou mesmo eliminar as suas manifestações culturais.

2. TABANCA DE ACHADA GRANDE

2.1. A Sede da Tabanca

A Tabanca da Achada Grande tem a sua sede (Capela) na Achada Grande, espaço onde os cativos fazem as suas actividades comemorativa: Missa, Salva, Batuque, convívios, etc.

Segundo os nossos entrevistados, a actual sede da Tabanca (Capela), é a mais antiga que se conhece. Contudo, está envolta de muitas histórias: na década de vinte, com a proibição da Tabanca em que prenderam, para além do rei, André Semedo Moniz (Noti Moniz), os objectos sagrado (imagem de São João Baptista, varas e bandeiras) e outros objectos como tambores, búzios, cornetas; tomaram esta sede, transformando-a em casa de oração, costura, etc.,

Apesar desta proibição as pessoas continuaram a brincar a Tabanca, mas em espaços oferecidos sucessivamente pelos cativos. É assim que mesmo antes de ser rei da corte, Pedro Mendes de oliveira, mais conhecido por perninha, cedeu um espaço de cerca de 5m de comprimento por três de largura, onde funcionou a Capela durante cerca de 40 (quarenta) anos.

Com a Independência de Cabo Verde, conseguiu-se um lote de terreno para a construção da sede (espaço onde hoje é celebra a Missa dominical e não só). Através de um pedido feito pelo senhor Padre à organização da Tabanca, no sentido da troca desse espaço por um outro (a primeira sede que foi tomada pelas autoridades da Praia).

Uma vez aceite a proposta do senhor Padre, pôde-se recuperar a antiga Capela, com uma área total de cerca de 170m², com murros à volta, sendo 78m² já coberta.

Não obstante, este espaço servir minimamente para as actividades da Tabanca, o grupo reivindica uma Capela com todas as condições de conforto, permitindo não só a recepções de cativos de outros bairros, mas também a realização de actividades lúdicas ao longo do ano. Portanto, uma Capela aberto à comunidade.

Para o efeito está-se a encetar contactos com a Câmara municipal da Praia no sentido de apoiar com projecto de construção e orçamento de forma a submete-los aos parceiros para financiamento.

Depois que a Igreja Católica construiu a sua Capela em Achada Grande, a Missa em comemoração ao dia da festa de São João, ponto alto da festa de Tabanca, passou a ser celebrada mesmo ali, ficando, a Capela da corte reservada apenas às outras actividades inerentes.

2.2. Alguns Elementos Que Fazem Parte da Tabanca

Integram o grupo elementos ligado às mais diversas áreas do “governo”: administração, economia e finanças, justiça e segurança, saúde etc. Por outro lado, encontramos alguns elementos denominados personagens cómicas, com funções específicas.

Naturalmente há falta de alguns elementos como por exemplo: ministros, directores gerais, chefe de Estado-maior, e algumas figuras cómicas, etc. Tudo isso motivado pela falta de recursos humanos e financeiros. Queixa-se sobretudo de falta de fardas.

A Tabanca tem um representante que se chama Governador. Ele representa o grupo, coordena-o, recebe convites, programa saídas e outras actividades juntamente com os demais dirigentes. Deve ser uma figura “influyente” na sociedade, de forma a permitir ao grupo uma maior comunicabilidade com outras instituições na procura de subsídios que garantam as suas actividades.

O rei da corte prepara a Capela, organiza a Missa nos dias de Santo e também acumula funções de tesoureiro. É assistido por um conselheiro – o rei do campo, seu imediato que se responsabiliza pelo desfile da Tabanca desde a saída ate ao regresso. Ambos são eleitos de entre os associados com maior reputação no meio.

A rainha pode não ser necessariamente a mulher do rei. A sua conduta, para além de assistir o rei na preparação da Capela, está orientada em direcção às cativas (mulheres “filhas- de-Santo”). As “mandaras” e as capitães de mulheres desempenham semelhante funções: organizar manter em forma o desfile das mulheres.

Os representantes de saúde (ministros, directores, médicos, enfermeiros) têm funções específicas ligadas a saúde: assistem os cativos sobretudo durante o desfile em caso de doença ou acidente. Também inspeccionam os alimentos antes da refeição.

Os representantes das “forças armadas” superintendem nas paradas, nas marchas, no policiamento e na própria justiça. Quando um cativo comete uma infracção qualquer, é julgado e punido conforme a gravidade do caso. A pena poderá ser em multa ou em prisão.

As personagens cómicas que provocam o riso à assistência com as constantes palhaçadas são o zagace e falcão (pai e filho respectivamente) que só comem o que conseguem arrebatam aos companheiros ou roubar nas panelas com as suas unhas muito compridas, como convêm a sua qualidade de rapinastes. A quando da cerimonia de roubo do Santo, o falcão é que procura o mesmo até à sua recuperação na casa onde foi vendido o Santo. Os ladroes ficam a espera na rua.

2.3.1. Os Preparativos da Festa

Cerca de três dias antes do início da festa propriamente dita, começam os preparativos: com as quotas dos sócios e ajudas (tanto em género como em dinheiro) fornecidas não só pela população do bairro mas também por algumas entidades governamentais e privadas, para custear as despesas inerentes á festa. Em tempos a organização contava ainda com receitas provenientes das multas por transgressão do código moral da Tabanca; da venda de Santo para as despesas respeitantes coma a Missa, compra de Santos, instrumentos musicais, etc., mas essas praticas já não se registam. De ano para ano, as receitas da associação vem-se resumindo aos apoios recebidos das instituições do Estado e de Organização não Governamental.

O “pilão” – “cochir” o milho para a refeição comum acompanhado de batuque é também uma actividade da Tabanca.

Os sócios vivem em boa harmonia, prestando uns aos outros assistência moral em caso de doença ou morte, auxiliando-se mutuamente na construção das suas casas e nos mais diversos trabalhos. Contudo, nesses últimos anos, devido a situação económica deficitária motivada pelas secas prolongadas e não só, a contribuição em termos monetários ou em géneros alimentícios dos

sócios vem enfraquecendo. Hoje praticamente, dependem único e exclusivamente das ajudas externas.

2.3.2. O Pilão

Enquadrado nas actividades da Tabanca, o “pilão”, ocupava um lugar de relevo. Os vizinhos dirigiam-se à sede da Tabanca ou a casa de um dos sócios com vista a preparação da refeição comum – comida ritual da Tabanca.

O pilão é um instrumento de madeira (tronco cavado ao meio), cujo tamanho varia de conformidade com o fim para que se destina: há pilão com uma dimensão considerável com a capacidade para mais de “um quarta de milho” (doze litros), utilizado nos grandes encontros (festas de casamento, baptizados, mortes, etc., por forma a produzir grande quantidade de milho cochido, farinha e xerém); há pilão de tamanho médio destinado às necessidades familiares no seu dia-a-dia, com a capacidade para um litro, dois ou mais de milho, dependendo do numero de famílias; e há pilão de tamanho pequeno ou diminuto, utilizados para pilar o café, tabaco, temperos como o alho, sal, etc.

O milho “cochido” é posto em água (morna ou fria) durante 24 horas com a finalidade de facilitar a trituração dos grãos com vista a obtenção de “xerém” (milho partido), farinha para a confecção de cuscuz e demais pratos típicos, tais como massa e papa.

Como se pode imaginar, o pilão é acompanhado de secções de Batuque, ritmos compassados que animam as “piladeiras”, cujo número varia de um a quatro, por cada pilão. O batimento do pilão pode ser cadenciado ou compassado no ritmo especial – tchintchim – bastante rápido só interior do pilão e alternadamente. Neste caso o número de pessoas é de três. Existe também o “coletcho” que consiste no ritmo compassado resultante de batimentos no interior e no exterior do pilão pelas quatro piladeiras. Os paus também são cruzados hora na parte superior, ora na parte inferior pelas piladeiras, utilizando diferentes variantes.

Quando o “pilão” (instrumento) se desgastar no seu interior, depois de algum tempo de uso, é assistido por uma peça de forma triangular feita de madeira que se chama “rengal”.

Naturalmente, acompanham ainda o pilão, a refeição e bebidas. Convém acentuar aqui a importância que os festeiros da Tabanca dão às bebidas alcoólicas, visto que estas contribuem para os reanimarem.

Contudo, a Tabanca de Achada Grande, já não enquadra “pilão” nos preparativos da festa para a refeição comum, pois tudo está facilitado pela máquina. Sem muito esforço, consegue-se o milho “cochido”, a farinha e o xerém nos mercados, quando não o arroz para substituir ou em complemento do milho, consequência dos maus anos agrícolas.

2.3.3. O Batuque

O Batuque, possivelmente de origem Africana, é hoje um elemento de cultura tradicional popular, sobretudo da Ilha de Santiago, e que está na sua máxima força. Vários grupos surgiram nos últimos anos, dentro e fora do País, tendo já sido gravados e publicados vários trabalhos seus, em suportes musicais (“CD” e “DVD”). A maioria dos artistas nacionais canta e dança também esse género musical.

O Batuque é chamado a actuar nos festivais musicais, dentro e fora do país, nas festas municipais e noutras actividades culturais, como sejam a Tabanca, o casamento, os baptizados, etc.

A sua origem é muito discutida mas talvez ele seja proveniente do bamtu, pela sua semelhança com o termo ku-beta que em bamtu significa Batuque.

O esquema mais frequente do Batuque é o seguinte: uma cantadeira ou cantador que faz de solista, um grupo que faz o coro, acompanhado de “tchabeta”. No meio do terreiro, espaço onde se realiza esta actividade, uma ou duas participantes dançam ao ritmo dos tambores e guitarras com acompanhamento de “tchabeta” em crioulo.

Segundo os dados recolhidos pelo senhor Félix Monteiro, o simbo (simboa), instrumento de origem sudanesa, é um acessório indispensável no batuque formado por um bujo de cabeça furada como o tambor; um braço de madeira terminado por um “carvalha”, um cavalete e um arco semelhante ao da flecha.

É realmente impressionante para os amantes da cultura e não só, ver e apreciar as dançarinas torcerem-se, requebrarem-se imporem aos quadris movimentos demorados no princípio mas que vão progredindo, exaltando-se á proporção a medida que se acelera o compasso da “tchabeta”. As mulheres (batucadeiras e cantadeiras) sentam-se em círculo. Entre as pernas, têm um pano ou pedaço de tecido dobrado, recoberto de plástico ou até de tecido de naípe utilizado como aplicador de som. Batem com as mãos em ritmo calmo no começo, mas que depois é acelerada gradualmente. O batimento deve acompanhar o canto, que é liderado por uma das mulheres. As que batucam respondem em coro ao canto da líder interpeladamente.

O meio de terreiro, uma ou duas mulheres com os respectivos panos atados á cintura, movimentam as ancas ao som do batimento em efeito competição; inicialmente suave, mas que se acelera paulatinamente. Nota-se uma grande alegria demonstrada através da gritaria e arremesso de moedas no terreiro pelos espectadores presentes.

Intimamente associada ao batuque, está o “Finaçon” canto, normalmente improvisado de um solista que se encontra no meio do círculo. Segundo Baltasar Lopes da Silva, os temas são expressões de regras morais, normas de comportamento, de conceitos elaborados pela experiência, evocação de coisas pessoais e acontecimentos do quotidiano

Considerando a apreciação feita por Tomé Varela da Silva “o Finaçon” nem sempre constitui um improviso, pelo menos nos traços gerais. As cantadeiras de “Finaçon” quase sempre seguem uma mesma sequência de conselhos, provérbios, etc., e assim o estilo de cada cantadeira torna-se muito conhecido. Os improvisos surgem quando o Finaçon é dedicado a uma determinada pessoa, o acontece muitas vezes nas festividades do casamento.

No folclore poético da ilha de Santiago, o Finaçon normalmente manifestado no terreiro do Batuque, e espelha o viver quotidiano das pessoas, martirizadas pelo colonialismo, pela insularidade e pela vicissitude inerentes à própria vida. O Finaçon é apresentado pela solista na segunda parte do Batuque. A primeira parte é constituída por torno “acompanhado de canto e tchabeta”.

Vejamos o exemplo de dois “Finaçon”:

«nsta djobi alguen qui sa ta ba merca/ quê pan manda maninho ramo recado/ ma calça dja ca ratcha fépu/, casaco dja ratcha fépu/, camisa dja ca ratcha fépu/, cilora dja ca ratcha fépu.

Calça dja fica só cós/, casaco dja fica só manga/, camisa dja fica só gola/, cilora dja fica só prega.»

«Dam licença nda um ronda»

«Ai, ai á mocinhos, nhos dam licença nda um ronda/ ai, ai Názia Robalo, dam licença nbá tchadona/ pamodi sim bai sem licença nta tchiga ês ta corri cu mi.

Ami npidi cadam, ca fazen nada/ dura cu dam qui ta magrecen. Também quelóqui dam ta dam cudadu/ pamodi si pocu ca ta tchigam. Maltadjadu é midjor qui nú...»

Tentamos demonstrar alguns temas tratados no Finaçon, e a gestão do imprevisto ou não. De qualquer modo as coisas não acontecem a partir do nada...

No primeiro Finaçon, podemos notar a mensagem enviada por Punói Ramos, emigrante nos E.U.A., referente ao vestuário (casaco, calça, camisa e cilora). No segundo, Naná Robalo ressalta o carácter cívico, característico do homem Cabo-verdiano, para além de outros aspectos de tradição popular.

Na Achada Grande, as secções de Batuque são feitas com a participação de elementos vindos de Achada Grande Trás, do Paiol, da Achada Santo António, etc.

2.2. A Missa

Antes da festa do Santo, começam os preparativos para o dia de São João Batista (24 de Junho). Nessa comemoração, celebra-se a Missa a pedido dos cativos tanto na Igreja matriz da Cidade da Praia como na Capela de Achada Grande, de forma a facilitarem as pessoas que não poderem deslocar ao “Plateau”. Noutros tempos a Missa neste bairro teria lugar em “casa de oração”. Paga-se 400.00 (quatro escudos) por cada Missa. Quando o dia 24 não coincidir com um fim-de-semana, a Missa será marcada para sábado ou domingo mais próximo. Este ano teve lugar a

25 de Junho, (domingo), com a presença de muitas centenas de participantes vindo de quase todos os bairros da capital.

A referida Missa foi presidida pelo Pároco Angelino Coelho, que fez questão de explicar a importância desse dia para os fiéis, fazendo um breve historial de São João Baptista: era filho de Zacarias e Isabel um casal já de uma certa idade. Nem por isso foi poupado pelo Anjo Gabriel, anunciando-o que iria ter um filho. Mas Zacarias não acreditou, e acabou por ficar mudo até o nascimento do bebé. João Baptista cresceu com Deus no coração e muito cedo, tornou-se pescador. Era um dos 12 (doze) apóstolos e foi ele quem baptizou Jesus Cristo na água do rio Jordão, á semelhança de várias outras pessoas.

Finalizando, disse o Padre Angelino Coelho que quem escolheu São João como Santo patrono, deve seguir o seu exemplo.

2.2.1. O Roubo do Santo

Logo após a Missa de 24 que este ano teve lugar na Igreja matriz, seguiu--se o roubo do Santo na Capela da corte. O mesmo é vendido em casa da “rainha de gasadjo” por 2000.00 (dois mil escudos).

Segundo alguns officas entrevistados, o que se rouba na verdade não é a imagem de São João Batista, mas sim o seu símbolo (uma pequena bandeira branca com uma cruz vermelha no centro, provável reminiscência da antiga festa de Santa Cruz). Além da bandeira, os ladrões levam uma das duas varas da Tabanca (duas varas de marmeleiro com uma fita vermelha atada numa das pontas). Estas varas representam o Santo, e entram em vários rituais da Tabanca (salva, desfile, levantamento do Santo, funeral, etc. ...).

Como é que se processa o roubo do Santo?

Dois componentes da Tabanca deslocam-se à Capela para defender o Santo, mas um ladrão e duas mulheres que habitualmente o acompanham ultrapassam os guardas e efectuem o roubo. Depois, levam o Santo para a venda numa outra localidade teoricamente desconhecida mas que na realidade todos conhecem: o Santo deve ser vendido durante sete anos na mesma localidade.

Normalmente deve ser sempre uma senhora a comprar o Santo, que por consequência receberá o cargo de rainha de agasalho.

Esta compradora de Santo será um devoto da Tabanca no dia do desfile em sua casa.”. Nesses últimos anos a venda tem sido feita em Achada de Santo António e a compradora do Santo é um devoto da Tabanca no dia do desfile. Responsabiliza-se pelo acolhimento e alimentação de todos os oficiais e cativos que pernoitam em sua casa.

O comprador do Santo é denominado “rainha de gasadjo” ou ainda “rei de bandeira, se for homem”.

Os ladrões são a partir de então, massacrados pelos cativos. No dia da recuperação do Santo, eles vão amarados. Dos 2000.00 (dois mil escudos) provenientes da venda do Santo, uma parte destina-se ao rei da corte e a outra parte, aos próprios ladrões. Só que esses últimos não têm estado a entregar nada. E para fugirem à sanção, de regresso da venda de Santo, ludibriam os guardas que se encontram a proteger a Capela e aproximam-se, colocando as mãos na bandeira que se encontra na rua ou mesmo no Santo, dentro da Capela.

Depois do roubo do Santo a bandeira é colocada a meia haste, na Capela da corte, símbolo de luto da Tabanca. Só é hasteada ao topo, depois da recuperação do Santo.

2.3.2. A Salva

A Salva é uma das actividades da Tabanca de grande envergadura para o grupo. É tocada, rezada e cantada. Há Salvas de tristeza, em caso da morte de um cativo, e há Salvas de alegria, (depois da recupera o Santo roubado). Faz-se a Salva durante todo o período festivo. Na Capela da corte, à volta do altar cheio de velas, homens e mulheres, sentadas ou de pé fazem a Salva. Ao lado do altar dois rapazinhos seguram duas varras cruzadas. O rei pede aos presentes para se levantarem. Os tamboreiros iniciam o batimento compassado depois de um passo em frente, e ligeira flexão da cabeça. Depois de 10 batimentos semelhantes fazem uma pausa. Dão um passo em frente e novos flexões baixando a cabeça. Em acto contínuo, os dois rapazinhos trocam a posição das varras, levantando-se lentamente. Reiniciam-se os batimentos dos tambores, agora em ritmo diferente, até completar 10 batimentos seguindo-se uma pausa. Trocam-se a posição das varras, e de novo 10

batimentos em ritmo diferente. Totalizam-se 50 batimentos separados por pausas. Seguidamente os tamboreiros batem num certo compasso, os dois rapazinhos depositam as duas varras sobre o altar. Um dos tamboreiros chama ao beijo das varras: começando pelos homens que se dirigem dois a dois, passando ao lado dos tamboreiros, baixam a cabeça para o altar, depois com a cara voltado uma para a outra e finalmente os tamboreiros. Estes voltam-se para o altar e de joelhos beijam a varra em cima da mesa, em frente da imagem do Santo. Levantam e baixam a cabeça como no início, saindo de frente, cada um por um dos lados a frente dos tamboreiros.

Depois dos beijos dos homens seguem-se os das mulheres. Finalmente as Rainhas e os Reis.

O beijo dos Reis é diferente: Estes dirigem-se ao altar, sozinhos. Um dos Reis segura uma das varas, levanta-a para o alto e faz vários movimentos de braços para frente e para traz. Depois pousa as varas em frente do altar, flecte o joelho e beija-as em frente da imagem do Santo. O último a beijar é o rei da corte.

Finalmente os tamboreiros trocam de posição, rodando 180°, dão um passo em frente, batem os tambores e beijam as varas.

Depois desse ritual dos Reis, o ritmo dos batimentos tornam-se muito rápido. Os dois rapazinhos começam a dançar em passos curtos ao som do batimento dos tambores, búzios e palmas de todas as pessoas presentes.

A sequência dessa prática – beijo do Santo dá-nos ideia do verdadeiro ritual Africano com encenação do rosário, etc. Os batimento dos tambores correspondem as “Ave-marias e Glórias”. Antes dos beijos costuma-se rezar “Padre-nosso”, de oferenda ao Santo padroeiro.

2.3.3- O Desfile

Segundo a norma da Tabanca o desfile deve ter lugar 7 dias depois do roubo do Santo. Em primeiro lugar, reza-se a Salva e o beijo das varas, para depois, os cativos partirem ao som dos tambores, dos búzios, a partir da Capela da corte em direcção a casa da “Rainha de Gasadjo”, zona onde foi vendida o Santo. Normalmente, percorrem alguns bairros a fim de visitar amigos e engrossar as fileiras com a adesão de pessoas que gostam da Tabanca, antes mesmo de chegar ao

destino. Este ano a Tabanca passeou pelas zonas de Lém Ferreira e Várzea para depois chegar a Achada de Santo António.

A alteração do calendário para a recuperação do Santo foi devido ao atraso verificado na angariação de verbas destinadas às despesas, comprometendo sobretudo a confecção das fardas. Por outro lado, prefere o grupo que as saídas fossem aos fins-de-semana para poder permitir um maior envolvimento das pessoas.

Portanto, o primeiro desfile este ano realizou-se no dia 8 (oito) de Julho, isto é, duas semanas após a venda de Santo, pelos motivos atrás mencionados.

À frente, vão os ladrões amarados e segurados por uns “carrascos”. Devem indicar o caminho da casa onde venderam o Santo. Estes tentam levar o cortejo por caminhos diferentes. Seguem-se o comandante e os soldados; O Rapazinhos com as duas varas cruzadas em “x”; a rainha do campo acompanhada das “filhas-de-Santo” (suas damas); figuras alegóricas de aviões, barcos etc., os tamboreiros, corneteiros animando o ambiente e finalmente os cativos e amigos.

Vários tipos de bandeiras são exibidos: a bandeira da Tabanca da A. Grande cujo distintivo é fundo branco com imagem de São João Baptista; a bandeira do Estado de Cabo Verde; as bandeiras mais pequenas com distintivos, (coroas) para reis e rainhas e simplesmente (cruz) para os cativos.

Aproximando-se da casa da “rainha de gasadjo”, o cortejo pára para proceder a recuperação do Santo pelo falcão e depois a sua entrega ao rei do campo. É o falcão que localiza a casa onde foi vendida o Santo a qual é assinalada com uma bandeira branca. Essa casa encontra-se rodeada de soldados e a rainha de campo para guardar a bandeira. Mas a função do falcão aqui é a de tirar a bandeira, rompendo a resistência dos guardas. Normalmente não deve ser conhecida a pessoa que desempenha o papel de falcão. Caso contrário a operação torna-se muito difícil.

Para facilitar essa pratica, a Tabanca criou vários falsos falcões (francedjas) que iludem os guardas. Quando não conseguirem roubar a bandeira, a rainha da corte pode oferece-la, para facilitar a evolução da festa.

Chegada a porta da casa da “rainha de gasadjo”, trava-se um diálogo entre o rei da corte e o rei de campo, cerca de 10 minutos. Neste diálogo destaca-se o aspecto “jocosos” que anima os presentes.

O rei da corte e a rainha de agasalho estão a porta para receberem os cortejantes; depois de breves saudações, o rei da corte pergunta ao rei do campo as motivações da sua chegada com todos os acompanhantes. A resposta do rei de campo consiste num misto de humorismo e pedidos, para obter a vara. Segue-se uma sequência de apresentação de objectos velhos (trapos, penicos, latas, etc.), os quais ritualmente rejeitados pelo batimento dos tambores, gargalhadas dos cativos e forros presentes, acenar dos lenços das cativas em sentido de negação, etc. Esta representação dura cerca de vinte minutos.

Finalmente o objecto é apresentado. O rei do campo toma a vara com grande alegria. Levanta-a e mostra-a a toda gente. Imediatamente começam a dança acompanhada com tambores e búzios, isto é, a Tabanca começa a festa, levantando o luto imposto pelo roubo do Santo.

Seguidamente, faz-se o levantamento de Santo (este não pode ser um domingo) ao ritmo de Salva, que antecede a refeição dos cativos e oficiais.

Após a cerimónia que conduz a recuperação do Santo, a “rainha de gasadjo” oferece uma refeição a todos os membros da Tabanca. Primeiramente, o médico da Tabanca e os seus enfermeiros vão provar as refeições: tiram um bocadinho em cada panela, põem um prato lentamente, ameaçando as cozinheiras de que vão rejeitar a comida. Por último acabam por aceitar a comida como agradável e da melhor qualidade. As “filhas-de-Santo” são as primeiras a comer e depois os oficiais e cativos.

Tradicionalmente, a Tabanca pernoita na casa da “rainha de gasadjo”, animada com secções de Batuque, pois o Santo não pode ser transportado à noite.

Na manhã seguinte, a Tabanca regressa a Capela da corte em Achada Grande, tendo à frente o comandante. A sequência das personagens no desfile é em tudo semelhante ao descrito anteriormente, com excepção dos ladroes que saem da cena quando o falcão “ganha a bandeira”. Chegada a Capela da corte segue-se uma Salva, antes das duas varas e da bandeira serem colocadas no altar, ao lado da imagem do Santo.

Enquadrado nas actividades comemorativas para este ano, o grupo promoveu mais duas saídas/convívios para visitar os cativos e amigos de Achada Eugénio Lima e Achada Grande-trás. Nessas saídas aproveitou-se para cumprimentar, fortalecer e estreitar os laços de amizade já existentes.

2.3.4. Abstinência Sexual

Durante cerca de 3 dias antes da festa de São João Baptista, muitos associados passam o tempo na sede da Tabanca. Comem e dormem ali. As mulheres ocupam-se da preparação das Capelas que se convertem em verdadeiro gineceu, rigorosamente vigiadas por sentinelas, homens transformados em inofensivos, eunucos por inibições de natureza tabu, pois que durante as festas é expressamente proibido o coito chamado quebra bandeja na linguagem convencional humorística da Tabanca.

Os transgressores são sempre punidos com prisão, multas, etc. As “filhas-de-Santo”, virgens de 15 a 17 anos, pela sua qualidade de donzela pura são severamente castigadas e podem algumas vezes serem alvos de pena máxima – expulsão.

Por essa altura, assim que qualquer cativo (mulher) for apanhada a ter relações sexuais com o seu parceiro, nas redondezas da Capela, toca-se logo a corneta para o chamamento de todos os associados. Seguidamente o conselho da justiça reúne-se para determinar o grau da infracção bem como a pena a ser aplicada.

A questão da abstinência sexual tende a extinguir-se na camada jovem. Para os velhos isso constitui falta de respeito para com os Santos da Tabanca, mesmo tratando-se de casados. A norma continua em vigor segundo o nosso entrevistado, só que as pessoas não estão sendo apanhadas.

3- A MORTE DE UM SÓCIO

A morte de um sócio é anunciada à irmandade com toques fúnebres, espessados e alternados. São as Salvas de tristeza. Ultimamente morreu uma cativa de nome Maria Mendes Guedes, mais conhecida por “Tuta” cuja esteira já foi levantada. Por consequência, a organização ficou mais fragilizada.

Logo os sócios se juntam para dar os pêsames à família enlutada, levando consigo dinheiro, gêneros alimentícios diversos para custear despesas durante a “esteira”. As duas varas sagradas, amarradas em cruz com uma fita encarnada, normalmente ficam em casa da família do morto durante os primeiros sete dias.

A Tabanca acompanha o defunto até a sua última morada, indo a frente e entoando Salvas de tristezas. As “filhas-de-Santo” empunham bandeiras brancas com pequenas cruzeiras vermelhas prestando homenagem ao defunto.

A porta do cemitério, os tambores, búzios e maquetas aguardam o final da cerimônia para cortar “o nojo” e conjurar a nova desgraça, visto que a morte, o luto e a tristeza devem ficar no cemitério. Fora, só há lugar para a alegria, pois o Santo da Tabanca não gosta de tristeza. Ao pé da cova, as “filhas-de-Santo” cruzam as varas ao alto, duas a duas, uma de cada lado. De joelho todos os presentes rezam enquanto o mestre da cerimônia preside o ritual.

Em marcha os cativos regressam a casa da família do defunto. As “filhas-de-Santo”, em fila indiana, dançando, dão três voltas à casa enlutada e entram em seguida para também cortarem o nojo:

Param a música e a dança e em silêncio oram, enquanto o mestre da cerimônia religiosa deita água benta sobre o crucifixo que se destaca no fundo de um pequeno pano branco. O tambor dá a final da tristeza, três vezes, para concentradamente, rezarem pela salvação da alma do defunto.

Findo essa cerimónia, os tambores, búzios e maquetas retomam o ritmo para dança fúnebres e as filhas - de - Santo, mesmo a frente do altar, cantam e dançam vivamente, pois que a tristeza e o luto ficaram no cemitério.

Durante a “esteira” reza-se a Salva todos os dias, pela alma do defunto(a), e em honra ao Santo patrono da Tabanca de Achada Grande – São João Baptista. No dia de “seta” faz-se a véspera com Salva e “ressa”. À meia-noite era servida uma refeição cuja despesa é exclusivamente suportada pelos associados. De madrugada canta-se “o vai à luz” e encera-se a cerimonia.

A “ressa” é um terço cantado e/ou rezado, acompanhada de ladainha e do “vai à luz” que se faz no dia do levantamento de “esteira”. É uma manifestação religiosa a favor da purificação da alma do defunto com vista à sua entrada no reino dos céus.

Em Achada Grande, esta cerimónia já não existe devido a falta de pessoas entendidos na matéria, pelo que o levantamento de “esteira” será feita à meia-noite

4. ALGUNS CONSTRANGIMENTOS QUE A TABANCA ENFRENTA

O fervor característico da manifestação folclórica que é a Tabanca, demonstrado pela banda associativa dos primeiros tempos, no seu verdadeiro sentido para que foi criado, está em crise.

Ela teve o seu nascimento e o seu crescimento no sentido de que cumpriu o seu papel na sociedade Cabo-verdiana, e agora confronta-se com a sua decadência, fomentada pela própria dinâmica social, isto é, o desenvolvimento social, político e económico vivido ao longo desses anos, aliados ao fenómeno da interculturalidade e globalização.

Se analisarmos bem, antes da independência a vontade política do Estado em relação ao bem-estar das pessoas das Ilhas era muita deficitária. As pessoas eram abandonadas à sua sorte, sobretudo as do meio rural. Resolviam as dificuldades do dia-a-dia graças à sua própria tenacidade natural e o espírito de sacrifício e de luta, sempre com esperança na chuva que cai do céu.

Nessa falta de presença do Estado para apoiar as populações nas suas dificuldades, a Tabanca surgiu como forma de suprir a lacuna deixada pelo Estado, na resolução dos problemas que as afligiam, tendo em conta o papel e a função desempenhada pela organização “associação comunitária para proteger e defender os interesses dos seus associados, tanto no aspecto físico e fisiológico, como também no aspecto afectivo, psicológico, moral e espiritual¹² Portanto, uma organização comunitária com direitos e obrigações.

Nessa altura, a Tabanca podia ser mesmo considerado como uma organização não governamental, segundo o mesmo autor.

Hoje em dia, a Tabanca reduz-se ao aspecto simplesmente folclórico, (simples espectáculo e manifestação de rua).

¹² SILVA, Tomé Varela, in (kon)Tributu (pa libertason y dizanvolvimento), pag.377

Depois da Independência, o Estado passou a estar mais próximo da sociedade civil, preocupado em ajudar a resolver os problemas sociais de carácter humanitário, contando ainda com apoio das organizações não governamentais.

Sendo assim, a Tabanca, estava condenada a enfraquecer-se, tendo em conta que o espaço que lhe era destinado já se encontra praticamente preenchido. E, não tendo a capacidade de se adaptar às mutações sociais, o que se assiste desde a Independência para cá, é uma pura descaracterização da Tabanca, tanto na utilidade social e comunitária, como nos seus princípios e valores (consideração e respeito pelas suas normas e pelo seu “próximo”). O próprio número de associados vem diminuindo de forma significativa, devido a vários factores : morte, fenómeno migratório, e até a falta de verbas (de uma organização auto-sustentada, passou a ser dependente de ajudas externas para o seu funcionamento).

Para além de algumas causas já mencionadas que contribuíram para a decadência da Tabanca, outras como sejam a interiorização de um certo complexo de inferioridade na camada jovem por certos elementos culturais nossos, em detrimento dos elementos importados.

O nível sócio-cultural da sociedade Cabo-verdiana não está fora do contexto internacional. A globalização ou a mundialização permite a interdependência de todos os povos do planeta, também denominado “aldeia global”. Deste modo, novos valores são importados e assimilados, sobretudo através da emigração, imigração, a própria comunicação social, com os meios técnicos e tecnológicos sofisticados como sejam o sistema digital, a Internet, a televisão por cabo e via satélite, revistas, jornais, rádios, permitindo informações variadas e em tempo “recorde”.

O nível de escolaridade da população obriga muitas pessoas a interessarem-se mais pela escrita, registo de factos, assistência a espectáculos de salão, e não pela participação em manifestações folclóricas.

As pessoas queixam-se da falta de meios monetários e humanos, pois a situação económica dos últimos tempos é muito deficitária e as ajudas que recebem é muito insuficiente para cobrir todas as despesas necessária manutenção da Tabanca.

5 - PROPOSTA DE SOLUÇÃO

Não há dúvida que o futuro da Tabanca tal qual se conhece está comprometido por não conseguir acompanhar a dinâmica social, política e cultural das últimas décadas.

A continuidade desta manifestação vai depender da força e capacidade da sua adaptação conveniente aos novos desafios de desenvolvimento.

Exige por outro lado uma grande capacidade de afirmação, divulgação e sensibilização junto da população juvenil, da razão do seu fundamento de existência e continuidade, baseando sempre na sua utilidade social e cultural. Segundo João Lopes Filho, o conhecimento das verdadeiras raízes de uma “cultura” é uma necessidade primordial para a valorização dos cidadãos e consequente afirmação da “Identidade Nacional”.

É imperioso que se pense a Tabanca, não como uma coisa estática, presa a certos valores para que foi criada (Tabanca primitiva) mas sim uma manifestação capaz de acompanhar a evolução dos tempos modernos, adaptando-as às necessidade de hoje, e de amanhã.

Para tal, é necessário desenvolver um sistema que permite recuperar, preservar e divulgar o património cultural do País:

- Através do ensino nas escolas, nos meios de comunicação social, e também preparar a comunidade para acolher a sua cultura e com ela se identificar, e nela se inspirar;
- Fomentar, incentivar e apoiar a livre criatividade dos grupos, nas mais variadas formas de expressão: (festivais em que participam várias s, com prémios; encontros/convívios entre grupos amigos e não só;
- A criação de associações de Tabanca a nível municipal, e federação a nível nacional ou Ilha onde ela existe.

- Construção ou revitalização de sede de Tabanca a nível de cada localidade, com objectivos mais amplos: um centro multiuso, aberto à comunidade.
- Construção pelo menos a nível municipal de um museu da Tabanca, mas que seja um museu vivo, dinâmico, educativo e aberto à comunidade.
- Sensibilizar e mobilizar a juventude para a defesa, protecção,
- Promoção e divulgação dos bens e valores culturais, e neste caso, a Tabanca, em articulação com o sistema de ensino e com as actividades de ocupação dos tempos livres.
- Maior apoio das instituições públicas e privadas para sua revitalização, já que os dirigentes da Tabanca se queixam da falta de verbas para pô-la a funcionar convenientemente. Por outro lado, há que ver a cultura como factor de desenvolvimento.

CONCLUSÃO

Depois de muito trabalho de recolha de informações junto de várias pessoas que lidam com a investigação cultural, bem como os próprios dirigentes da Tabanca e não só, constatamos de facto que esta manifestação popular, parte da nossa cultura está seriamente ameaçada de morte e que muito mais tem de ser feito em prol da sua continuidade.

Viu-se que antes da independência a Tabanca foi reprimida e proibida de se manifestar por várias vezes. Mas o povo resistiu sempre a essas tentativas de apagar as marcas da sua Identidade. Até que, a 5 de Julho de 1975 veio a liberdade, e a Tabanca passou a ser respeitada e assumida oficialmente como parte importante da cultura Nacional.

Dáí a sua reanimação, apoiado por forças vivas do país e não só, nomeadamente o Governo e as organizações solidárias. Efectivamente viu-se um renascer da esperança na cultura Cabo-verdiana e concretamente na Tabanca.

Só que, essa manifestação tradicional popular não tem acompanhado as grandes transformações sociais, culturais políticas e económicas ocorridas a nível do País.

Não obstante os constrangimentos por que passa a Tabanca, ela ainda pode sobreviver, se for essa a vontade política do Governo, bem como da sociedade civil.

Não é necessário, em nossa opinião, que a sua revitalização seja necessariamente à semelhança da Tabanca primitiva, pois que a cultura de um povo não é estática. Importa que seja uma continuidade com base em solidez e eficácia, conseguida através da transformação profunda adaptada aos desafios dos novos tempos. Para o efeito fizemos um conjunto de proposta: afinal, a “cultura” vem do povo, seu dono e senhor. Possui um dinamismo imparável, mas, devido à sua “simplicidade”, ele é muitas vezes subestimada.

Qualquer sociedade tem uma densidade histórica, que manifesta no presente a experiência acumulada no passado. Sendo a cultura de um povo, - tudo o que recebemos, transmitimos ou inventamos, ela constitui um valor que dura para além das gerações.

Registamos com grande apreço a coragem e o optimismo demonstrados por alguns cativos com vista a rejuvenescer a referida manifestação.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Ilídio – Santiago de Cabo Verde – a Terra e os homens, J.I.U., Lisboa, 1964;

BARCELOS, Cristiano da Senna – Subsídios para a História de Cabo-Verde e Guiné, Vol. I, Lisboa, 1879;

BASTIDE, R., As Américas Negras: as civilizações africanas no Novo Mundo, S. Paulo, 1974;

CARDOSO, P., – Folclore Cabo-verdiano, Paris-Lisboa, 1983;

CARREIRA, António – Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878), I.C.L., Praia, 1983;

- Migrações nas Ilhas de Cabo Verde, I.C.L., Praia, 1983;·

- Documentos para a História das ilhas de Cabo Verde e Rios da Guiné, séculos XVII e XVIII, Edição do Autor, Lx., 1983;

- Panaria Cabo-Verdiano Guineense, I. C. L., 1983;

ECO, Humberto – Como se faz uma Tese em Ciências Sociais e Humanas, Editora Presença, Lisboa, 1986;

FILHO, João Lopes – Cabo Verde, Subsídios para o Levantamento Cultural, Pântano Editora, Lisboa 198

FILHO, João Lopes – Contribuição para o estudo da Cultura Cabo-verdiana, Lisboa, 1983

FILHO, João Lopes – Defesa do Património Sócio-cultural de Cabo Verde, biblioteca Ulmeiro nº 18, Lisboa 1985

RIBEIRO, Maria Luísa Ferro – Apontamentos Etnográficos sobre a ilha de Santiago, Cabo Verde, 1962;

SEMEDO, J. MARIA e TURANO M R, O Ciclo Ritual da Festividades da Tabanca, Edições Spleen;

SILVA, Tomé Varela, (Kon)Tributo (Pa libertason Y dizanvolvimentu), Praia, 2005

SCARANO, J.M. “Devoção e Escravidão”, Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, pag.26

ANEXO I

Entrevistas

Entrevista

Pedro Mendes de oliveira (Sperninha)

Rei da corte

75 Anos

Mário Mendonça – Para si, o que é a tabanca?

Pedro Mendes – Para mim a Tabanca é uma junta do povo. Eu gosto dela, pois, desde menino que brinco a Tabanca.

M.M. – Que funções tem o rei?

P. O. - O rei representa tudo. Ele é que toma todas as decisões conjuntamente com outros dirigentes. É responsável pela capela e sua ornamentação, pela marcação da missa, marcação da data para o desfile, etc. Possui um conselheiro que se chama José Joaquim Gomes de Barros, (Jeco) que também é tesoureiro.

M.M. – Lembre-se como tudo começou?

P.O. – Não me recordo. Mas contam os mais velhos de que tudo tinha começado através da brincadeira de meninos, (tocando latas e deambulando pelas ruas de Achada Grande). Na sequência, apareceu um senhor chamado Munda, que gostava muito dessa brincadeira e que tomou conta mesmo desses meninos. Mais tarde esse senhor veio a ser o primeiro Rei de Tabanca de Achada Grande. Arranjou instrumentos como búzios do mar, tambores feitos de pedaço de tronco de coqueiro cavado ao meio, retirado da praia negra, com pele de animais.

Há uma história que eles contam, mas não sei se é verdade: acendia as velas feitas de “purga” e algodão na capela da corte todos os dias. Um belo dia, cerca de 12 (doze) horas, com a vela acesa no altar da capela, Munda foi surpreendido por um homem com a sua bengala na mão, acompanhado por um carneiro, que lhe disse para não desistir de acender as velas todos os dias e para pintar a capela de branco. Também para não revelar a ninguém o sucedido e que depois de três dias iria receber um presente. Mas ele foi contar a uma mulher que se chamava “Nha Bernarda” que também acendia a vela na capela. Três dias depois Munda morreu. Julga-se que esse homem

seria São João Baptista. Daí a escolha desse santo para proteger o grupo, tanto mais que ele era pescado, à semelhança das pessoas do bairro.

M.M. – A partir daí como é que as coisas ficaram? Quem é que foi o sucessor de Munda?

P.O. – O sucessor de Munda foi André Sanches Moniz, mais conhecido por “Noti Moniz”. Seguidamente os reis foram: Lulu Moniz, filho de “Noti Moniz”; Domingos Mendes (Banda); Isidoro Sanches Andrade; Alexandre Mendes Moniz (Manuzinho); Avelino Moniz, seu filho e por último Pedro Mendes de oliveira (eu), o actual rei da corte.

M.M. – Notei que não falou do Palau. Porquê?

P.O. – É verdade. Palau nunca foi rei de Tabanca, mas era mais que rei. Ele era de Achada Santo António. Casou-se com esposa de Achada Grande e para ali veio marrar. Ele foi o conselheiro de Alexandre Mendes Moniz (Rei). Já nessa altura, pelo seu dinamismo, era conhecido como rei. Mas de facto, nunca foi eleito como tal. Contudo, era ele que estava a frente de tudo. Tinha uma grande capacidade para atrair as pessoas.

M.M. – Dizem que Tabanca de Achada Grande é a mais antiga da capital. É verdade?

P.O. – É verdade. A Tabanca de Achada Grande é a mais antiga. A Segundo foi a de Várzea e a terceira foi a de Achada de Santo António. A mulher de Alexandre Mendes Moniz e seu filho Avelino Moniz é que foram ensinar as pessoas de Achada Santo António como é que se brinca a Tabanca.

M.M. – Há diferenças entre a forma de estar e de brincar de uma tabanca e de outra?

P.O. – Não. Em principio as Tabancas são todas iguais. Algumas diferenças podem existir nas músicas, nas cores dos vestuários, nos batimentos dos tambores. Nem todos tem o mesmo santo padroeiro: em Achada Grande comemora-se o dia de São João Baptista e em Achada de Santo António e na Várzea comemoram-se o dia de Santo António.

M.M. – Qual é primeira actividade da Tabanca?

P.O. – A primeira actividade da Tabanca é a preparação da festa do dia de São João, com salva, batuque, ornamentação da capela. Antigamente fazia-se o pilão, mas hoje compra-se tudo na loja e as mulheres não querem mais fazer esses trabalhos. Logo de manhã, no dia de São João, os associados vão à missa e seguidamente os ladroes roubam o santo na capela da corte para irem vender o mesmo em Achada de Santo António, em casa da rainha de “gasadjo”.

M.M. – **Como é que vê o futuro da Tabanca, tendo em conta as dificuldades que ela enfrenta?**

P.O. – A Tabanca vai acabar se continuar assim. Os mais novos não querem saber de nada com a Tabanca. Na hora da refeição você vê muitas pessoas a comer e a beber. Mas na hora de sair para o desfile, muito pouco gente aparece. Eu, enquanto vivo, a tabanca não vai acabar. Contudo, nesses últimos anos estamos a ter mais apoios para as despesas, mas precisamos de muito mais. Precisamos construir a nossa sede e comprar fardas para muitos oficiais. Portanto se houver ajuda e sensibilização junto desses meninos a Tabanca poderá não acabar.

José Joaquim Gomes de Barros (Jeco)

Conselheiro do rei

57 Anos

M.M. – **qual é a função do conselheiro do rei?**

Jeco – Tendo em conta, que o rei está um pouco velho, eu lhe assisto em alguns assuntos. Conversamos sobre a Tabanca no geral, da forma como as coisas devem ser feitas. Quando as pessoas fazem algum convite para a Tabanca sair em representação, eu é que faço a intermediação para o efeito. O nosso governador, António Fausto, faz uma carta pedindo ajudas e eu faço a distribuição para as diversas instituições, e depois vou procurar a resposta. Também acumulo as funções de tesoureiro juntamente com o rei.

M.M. – **O que é a Tabanca para si?**

Jeco – Para mim a Tabanca é parte da nossa cultura porque desde que nasci encontrei a minha família a brincar-la. Se hoje somos um país livre e independente, a Tabanca contribuiu muito porque mesmo Cabral mobilizava as pessoas para a luta na Guiné através da Tabanca.

M.M. – Normalmente, a Tabanca faz o seu desfile para a recuperação do santo sete dias após o roubo. Mas segundo constatei, este ano a desfile teve lugar duas semanas mais tarde. Porquê?

Jeco – Este atraso na recuperação do santo foi porque não recebemos os apoios com antecedência necessária para as despesas, sobretudo a confecção de fardas. Também gostamos mais que o desfile fosse nos fins-de-semana visto que aí as pessoas estão mais disponíveis.

M.M. – Que programa de saída tinha a Tabanca este ano nesse período festivo: Maio a Julho?

Jeco – A nossa primeira saída foi para Achada de Santo António com vista a recuperação do santo, mas fizemos uma segunda saída para Eugénio lima em que paramos em Achadinha, Lém Cachorro e Paiol. Por ocasião da festa de Nossa Senhora do Carmo em Achada Grande-traz, fomos ali conviver com eles. Mas já antes tínhamos estado em representação no Palácio da Cultura, no Auditório Nacional, no festival de Tabanca em Assomada, Santa Catarina, e na festa de São Salvador do Mundo nos picos.

M.M. – O que se pode fazer para que a Tabanca não morra?

Jeco – Alguns apoios. Por acaso temos tido apoio do Ministério da Cultura, Presidência da República e algumas Firmas Comerciais. Mas precisamos mais. Precisamos de construir de raiz a nossa capela. Precisamos pôr a funcionar vários elementos da Tabanca como advogado, administrador, figuras alegóricas, etc. É com base nesse apoio que vamos tentar mobilizar a juventude para não deixar que a Tabanca morra. O problema maior é que algumas pessoas tentam politizar essa manifestação, achando que é do partido "a" ou "b". Mas ela não tem partido. Nós respondemos a qualquer convite aonde fomos chamados. A Tabanca é da zona, é de cada um de nós Cabo-verdianos.

Cesária Monteiro Soares (Nána)

Cativa/activista

86 Anos de idade

M.M. – Para si, o que é a Tabanca?

Nána – Para mim a Tabanca é uma grande satisfação. Desde que nasci encontrei os meus pais a brincar a Tabanca e eu gostei também. Nunca fui rainha, mas tomo dianteira juntamente com elas na preparação da festa, batuque, ornamentação da capela, etc. é que gosto que as coisas estejam sempre em dia e por isso não consigo esperar pelos outros.

M.M. – Podia-me fazer uma comparação entre a Tabanca de antigamente e a Tabanca de agora?

Nána – Oh! A diferença é grande. Hoje os jovens quase não querem a Tabanca. Muitos têm vergonha. Já não há respeito. Aquele juntamento de pessoas, com festas, com pilão, etc. já não existe. Antigamente, praticamente uma semana antes de São João as pessoas começavam a movimentar com as suas ajudas, (milho, feijão, dinheiro, bebidas). Chegavam a oferecer até animais. Permanecíamos dia e noite na sede. Mas o tempo era outro. Hoje a Tabanca depende das ajudas do Estado e de alguns amigos. Aquelas pessoas que mais gostavam da Tabanca já morreram.

M.M. – Por falar da morte, o que é que os associados da tabanca fazem pela morte de um cativo ou seu membro?

Nána – Faz-se salva todas as noites, durante 7 dias. Os sócios contribuem com 100\$00 ou 50\$00, conforme a disponibilidade para apoiar a família enlutada. A Tabanca acompanha o defunto à sua última morada, fazendo cerimónias de salva de tristeza, dentro do cemitério, e salvas de alegria fora do cemitério, pois o santo da Tabanca não gosta de tristeza. No dia de “sete”, faz-se o levantamento da “esteira”. Antigamente fazia-se a “ressa” depois da meia-noite e o “vai-a-luz” pela madrugada. Mas hoje em Achada Grande só se faz a salva, o beijo das varras e a ladainha, antes da meia-noite, pois que nessa altura é a hora da refeição e levantamento de esteira. As pessoas que sabiam fazer a “ressa” já morreram.

M.M – Tendo em conta as dificuldades por que passa a tabanca hoje, acha que ela pode sobreviver por muito tempo?

Nána – Tudo vai depender da juventude. Nós vamos morrendo. Estamos velhos. Se a juventude não tomar o ramo a Tabanca vai acabar. Mas, vejo ainda alguns jovens interessados. E se houver mais apoio do governo, acho que ela não vai acabar.

Luísa Lopes Semedo

Rainha do campo

77 Anos de idade

M.M. – Qual é a sua missão?

L.S. – A minha missão está relacionado com a coordenação do desfile e dos itinerários. Por exemplo, se objectivo da Tabanca é de ir a Achada Eugénio Lima, mas pelo caminho, os cativos pretenderem desviar por um outro bairro qualquer, é a mim que eles comunicam. E a decisão final vai ser minha em concertação com o rei.

M.M. – Conta-me como é que foi o desfile este ano?

L.S. – O desfile este ano teve lugar no dia 8 de Julho quando deveria ser no dia 01 do mesmo mês. A demora deve-se ao facto do atraso na preparação das fardas. Saímos da Achada Grande e passamos por Lém Ferreira, Fazenda, Várzea e chegamos a Achada de Santo António para o levantamento do santo.

É o falcão que tem de ganhar o santo na casa da “rainha de gasadjo”. Mas antes, toca-se a salva, e depois de algumas brincadeiras em que o rei apresenta vários objectos até chegar àquela que representa mesmo o santo, toca-se novamente a salva do levantamento e volta-se a colocar o santo ali, visto que a Tabanca pernoita em casa de “rainha de gasadjo”. Ela oferece um jantar e de seguida brincamos o batuque toda noite. No dia seguinte, por volta das 11 horas regressamos directamente para Achada Grande, porque o grupo estava muito cansado. Ali, cantamos uma salva antes da colocação da bandeira e da vara de São João recuperada, no altar da capela.

M.M. – Para simbolizar o santo, vocês falam ora de bandeira, ora de vara. Podia – me explicar isso?

L.S. – É verdade. A imagem propriamente dita de São João, é representada por duas varas de marmeleiro, colocadas em forma de “x” e com uma fita na ponta, e também por bandeiras. Há vários tipos de bandeira de São João: há aquela maior, com imagem de São João ao meio; há outras menores, para reis e rainhas, com distintivos de coroa; e há outros para os restantes cativos, cujo distintivo é uma cruz. Essas bandeiras são utilizadas na altura do beijo das varas e também no desfile.

Ernestina Lopes Robalo.

Rainha da corte.

78 Anos de idade.

M.M. – Desde quando começou a brincar a Tabanca?

E.R. – Desde os 12 Anos de idade. Participava praticamente em todas as actividades da Tabanca porque gostava muito.

M.M. – Qual é a função da rainha da corte?

E.R. – Rainha da corte trabalha sempre ao lado do rei, na preparação da festa, na ornamentação da capela. Em suma, é responsável pelo bom andamento das coisas, desde a preparação da festa.

M.M. – Lembre-se de alguma proibição em que a tabanca foi alvo?

E.R. – Sim. Havia um Governador chamado “Segalhom”, muito mau, que não gostava da Tabanca, e mandou prender o rei Noti Moniz (André Sanches Moniz). Toda gente foi ao “Plateau” em desagrado. Prenderam e levaram todos os nossos instrumentos musicais e imagem de São João. Tomaram até a nossa sede (capela). Mas havia um “Juiz” que gostava muito da Tabanca, Dr. Mário Guedes, e que costumava vir festejar a Tabanca connosco em Achada Grande. Ele escreveu uma carta para Portugal e depois veio a resposta de que a Tabanca não podia acabar. Foi o Senhor Félix Monteiro que nos mandou dizer

para podermos brincar a Tabanca sem problemas. A Tabanca de Achada Grande era a mais antiga e mais importante de todas.

M.M – Enquanto durava essa proibição da Tabanca, vocês obedeceram mesmo essa norma?

E.R. – Nunca parámos. A sede passou a funcionar sucessivamente em casa de pessoas que gostavam da Tabanca. É assim que nas últimas décadas, o Sr. Pedro (sperninha), actual rei da Tabanca ofereceu um pequeno espaço por muitos anos. Mas depois que tivemos a nossa liberdade, Aristides Maria Pereira mandou ceder-nos um lote de terreno para construção da nossa capela. Contudo, algum tempo depois, o senhor Padre pediu-nos esse lote para construir a capela/igreja, em troca da antiga sede que foi tomada e transformada em casa da costura e da oração.

M.M – Acha que a Tabanca hoje é diferente da de tempo antigo?

E.R. – Sim. Muito deferente. Hoje já não há respeito, as pessoas não ligam a Tabanca. Há menos jovens interessados nessa prática.

ANEXO II

Documentos Históricos

Documentos Históricos

Batuque

Boletim oficial nº 13, de 31 de Março de 1866

Editais

José Gabriel Cordeiro, cavaleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, administrador do concelho da Praia de S. Thiago, por el-rei que Deus guarde, etc., etc.,

Faço saber á todas as pessoas a quem o conhecimento deste pertencer, que sendo de dominados batuques um divertimento que se opõe a civilização actual do século, por altamente inconveniente e incómodo, ofensivo da boa moral, ordem e tranquilidade pública, que tanto convêm manter, sendo de toda conveniência social reprimir de uma vez para sempre aqueles, na maior parte praticados por escravos, libertos e semelhantes, tanto por tal divertimento do povo menos civilizado, não convêm que seja presenciado por pessoa honestas e de bons costumes, aos quais chamaria ao campo da imoralidade e da embriaguez; como porque incomoda os habitantes pacíficos que se querem entregar durante a noite ao repouso e socego em suas habitações; o que lhes não é fácil conseguir, e por vezes tem dado causas a inúmeras queixas. Por todos esses motivos e fundando no que dispõe o artigo 249º, nº18, do Código Administrativo, determino:

1º Que desta em diante ficam proibidos os batuques em toda área da cidade.

2º Que as pessoas que forem encontradas em flagrante do disposto, serão presas e entregues ao poder judicial para serem processados como desobedecia aos mandados da autoridade pública nos termos do artigo 188º do Código Penal.

E para que chegue ao conhecimento de todos fiz passar o presente que será afixado em todos os lugares do costume e mais públicos da cidade.

-Administração do concelho da Praia de S. Thiago, 7 de Março de 1866 – O Administrador *José Gabriel Cordeiro*.

Tabanca

Portaria nº 439, de Junho de 1920

Atendendo ao que requereram vários indivíduos desta ilha, pedindo licença para efectuar festejos tradicionais a que denominam tabancas e são constituídas por dança, cantos e outras demonstrações de regozijo;

Considerando que nas chamadas tabancas existe, embora rudimentarmente, o principio de socorros mútuos;

Considerando que dos referidos festejos não advêm prejuizo desde que sejam necessário policiamento e que os indivíduos que constituem as tabancas restrinjam o exagero de costumes carnavalesco que exibem:

Hei por conveniente, ouvido o conselho do governo, autorizar as autoridades administrativas a conceder licenças para os referidos festejos, mediante as seguintes condições:

- I- Os festejos podem ser permitidos mediante licença da autoridade administrativa e seus delegados.
- II- Cada Tabanca paga taxa de 10\$ por cada festa a realizar, que continuará receita para o albergue de inválidos da cidade de Praia.
- III- Sujeitam-se os promotores dos festejos as condições em que devem ser feitos e forem impostas pelas autoridades administrativas.

Cumpra-se. Residência do Governador, na cidade da Praia, 17 de Junho de 1920- Manuel Firmino de Almeida Maia Magalhães Governador. (B.O. nº 17, de 28 de Junho de 1920).

Portaria nº 52, de 26 de Abril de 1923

Sendo as festas denominadas “ Tabancas”, em uso nesta ilha de S. Thiago, manifestações de feito inteiramente gentílico e que se não harmonizam com o estado de civilização de arquipélago em geral.

Sendo alem disto as “Tabancas” motivo de frequentes e por vezes de grande desordens e bem assim motivo para que o povo mantenha afastado do trabalho durante períodos longos de orgia.

Não podendo considerar-se aceitável fundamento para a existência de tais festas um pretenso espírito associativo de socorro mutuo, que alias poderá subsistir sem exteriorização degradante;

Sendo certo que já algumas vezes, por parte das autoridades administrativas, tem havido o bom critério de promover o desaparecimento de tais manifestações populares, e elas estariam a muito extintas se tivesse havido sequencia no procedimento das autoridades, pois que sendo o povo dócil, fácil é guia-lo com justiça.

Em conformidade com o que em sessão do Conselho Legislativo, de 22 de Junho do ano findo, foi assente;

Tendo em consideração o que me representarem vários cidadãos a respeito da necessidade de acabarem tão inadequadas manifestações populares:

Hei por conveniente determinar o seguinte:

Artigo 1º

Ficam proibidas as festas populares denominadas «Tabancas» com as suas costumadas manifestações gentílicas, salvo, porem, o poderem constituir-se em associações de socorros mútuos ou de beneficência mediante as formalidades legais.

Artigo 2º

As autoridades administrativas e policiais, os professores e em geral todas as entidades que possam exercer influência sobre o espírito do povo empregaram os seus esforços para que este se abstenha de manifestações colectivas de feitio desarmónico com os preceitos da civilização.

Artigo 3º

Fica revogada, por esta, a portaria provincial nº 439, de 17 de Junho de 1920.

Cumpra-se.

Residência do Governo, na cidade da Praia, 26 de Abril de 1923 – Julho Barbosa, Nunes Pereira, encarregado do governo.

Portaria nº 78, de 1927

Tendo a Portaria provincial nº 52, de 26 de Abril de 1923, extinto oficialmente as festas regionais da ilha de Santiago denominadas tabancas, com o fundamento de que esse costume popular era uma manifestação de feitio gentílico, sendo motivo de desordens e afastando o povo do trabalho durante período longos de orgia.

Mas tendo o povo, em cujo o espírito vive essa tradição tentando, frequente vezes, como ultimamente as autoridades fazer reviver essas festas, pelo que se prova não ser coisa fácil extinguir tão radicalmente tradições populares;

Sendo certo que, não obstante os inconvenientes indicados. Se assinalam nas Tabancas, como se diz na Portaria provincial nº439, de 17 de Junho de 1920, a existência, embora rudimentar, do princípios de socorros mútuos, além de alegres manifestações de carácter artístico, como cantos danças e usos de trajos pitorescos;

Convindo, para que se não perca totalmente as tradições populares características do povo cabo-verdiano, disciplinar e civilizar estas festas, proibindo tão somente o que nelas houver de cafreal e contrario aos bons costumes, procurando-se torna-las mais estéticas e consentâneas com o estado de civilização da colónia;

Sendo obvio que:

Limitando-se a duração dessas festas a determinados dias e a determinada hora, de sorte a não haver prejuízo para o trabalho, em todas as manifestações, nem para o repouso dos habitantes, policiando convenientemente os locais onde esses festejos se exibem, para que a desordem não seja possível; e finalmente, regulamentando as Tabancas, de forma racional aproveitamento quando a tradição foi aproveitável e proibindo o que ofenda o sentimento estético e os bons costumes dos povos civilizados, tais festejos se tornaram porventura, espectáculos digno de serem exibidos:

Hei por conveniente nomear, para proceder desde já a elaboração de um regulamento para a exibição das Tabancas, os seguintes cidadãos: O Vice Presidente da câmara Municipal de cidade da Praia João de Deus Tavares Homem, administrador do concelho da Praia, capitão António Manuel da Fonseca e o Tenente de Cavalaria, meu ajudante de campo, Américo Júlio, Robalo Sampaio e Melo.

Cumpra-se.

Residência do Governador na cidade da Praia, 25 de Junho de 1927- António Alvares Guedes Vaz, Governador.

ANEXO III

Zonas onde existe a Tabanca

ANEXO IV

Fotografias



Um Cativo a hastear a bandeira em frente da sede da Tabanca de Achada Grande



Tamboreiros em festa

Conselheiro do Rei (Jeco) em frente da sede





Tocadores de búzio

O Batuque



O altar da capela

O toque da Salva



O Roubo do Santo



Os guardas no altar da Capela



O Desfile



Comida a ritual



A Missa



